

*Para Linda,
pelos primeiros quinze.*

Em volta, a cacofonia da ganância prosseguia no mais glorioso e extremo excesso. Incapaz, no entanto, de perturbar o mundo deles.

Cassie interrompeu a ligação entre os olhos de ambos apenas o tempo suficiente para olhar para baixo, encontrar o copo e erguê-lo da mesa. Estava vazio, à exceção do gelo e de uma cereja, mas isso não tinha importância. Ele correspondeu ao gesto e também ergueu o seu, que não teria mais do que um trago de cerveja e espuma.

— Ao fim — disse ela.

Ela sorriu e assentiu com a cabeça. Amava-a e ela sabia-o.

— Ao fim — começou, e depois fez uma pausa. — Ao lugar onde o deserto é oceano.

Ela retribuiu-lhe o sorriso quando tocaram os copos num brinde. Levou o dela aos lábios e a cereja rolou-lhe para dentro da boca. Dirigiu-lhe um olhar sugestivo enquanto ele limpava a espuma do bigode. Amava-o. Eram eles contra a porra do mundo inteiro, e a verdade é que ela acreditava plenamente nas suas hipóteses de sucesso.

Depois o sorriso dela desvaneceu-se ao pensar no erro que cometera. Deveria ter antecipado a reação dele, que não a deixaria subir. Deveria ter esperado que tudo aquilo terminasse para lhe contar.

— Max — disse, agora muito séria. — Deixa-me ir eu. Estou a falar a sério. Uma última vez.

— Nem pensar. É a minha vez. Vou eu.

Ouviu-se um grito exultante proveniente da área de jogo do casino, forte o suficiente para quebrar a barreira que os rodeava. Cassie olhou nessa direção e viu um texano com um chapéu de cowboy a dançar na extremidade de uma das mesas de craps, mesmo por baixo da tribuna que se estendia sobre a área de jogo. O texano tinha ao lado uma acompanhante de luxo, uma mulher de cabelo longo que já frequentava os casinos desde os tempos distantes em que Cassie começara a trabalhar no Trop como crupiê.

Cassie voltou a olhar para Max.

— *Não vejo a hora de nos pormos a andar deste lugar de uma vez por todas. Deixa-me pelo menos lançar uma moeda ao ar.*

Max abanou a cabeça num gesto lento.

— *Não tens voto na matéria. Quem vai sou eu.*

Max levantou-se nesse instante e ela olhou para ele. Era moreno e atraente. Gostava da pequena cicatriz que ele tinha por baixo do queixo, do facto de nunca crescerem pelos aí.

— *Acho que chegou a altura — disse Max.*

Os seus olhos percorreram o casino, perscrutando mas nunca se detendo em nada até subirem aos braços da tribuna. Os olhos de Cassie acompanharam o trajeto do olhar dele. Havia um homem lá em cima, envergando roupas escuras e olhando fixamente para baixo, como um sacerdote para a sua congregação.

Ela tentou sorrir de novo, mas não conseguia curvar os cantos da boca. Tinha a sensação de que algo não estava bem. Era a alteração de planos. A troca. Apercebeu-se naquele momento do quanto desejava ir e do quanto iria sentir falta da descarga de adrenalina que isso lhe proporcionaria. Percebeu então que, na verdade, aquilo tinha a ver com ela e não com Max. Não estava a protegê-lo. Estava a ser egoísta. Queria sentir aquela descarga de adrenalina uma última vez.

— *Se acontecer alguma coisa — disse Max —, vemo-nos por aí.*

Ela franziu o sobrolho de imediato. Uma despedida assim, com aquela frieza, nunca fizera parte do ritual.

— *Max, o que é que se passa? Porque é que estás tão nervoso?*

Max olhou para ela e encolheu os ombros.

— *Porque é o fim, suponho.*

Ensaiou um sorriso, após o que lhe afagou o rosto e se inclinou para ela. Beijou-a na face e depois avançou rapidamente para os lábios. Enfiou uma mão por baixo da mesa, onde ninguém conseguisse ver, e deslizou o dedo pelo interior da perna dela acima, percorrendo a costura das calças de ganga. Depois, sem dizer uma única palavra, deu meia-volta e abandonou o bar. Começou a caminhar através do casino em direção ao recanto dos elevadores, e ela ficou a vê-lo afastar-se. Max não olhou para trás. Fazia parte do ritual. Nunca se olhava para trás.



A casa em Lookout Mountain Road ficava afastada da rua, aninhada contra o talude da ravina escarpada que se erguia na retaguarda, o que lhe permitia dispor de um longo relvado plano que se estendia desde o largo alpendre frontal até à cerca branca paralela ao passeio. Em Laurel Canyon não era comum ver-se uma casa com um relvado tão extenso, à frente ou nas traseiras, nem tão plano. Aquele relvado seria o fator determinante na venda da propriedade.

De acordo com o anúncio publicado na secção de imobiliário do *Times*, a mostra da casa começava às duas da tarde e prolongava-se até às cinco. Cassie Black estacionou junto ao passeio dez minutos antes da hora, mas não viu qualquer veículo no caminho de entrada nem o menor indício de atividade na casa. A carrinha *Volvo* branca que ela sabia pertencer aos proprietários, e que habitualmente estava estacionada no exterior, não estava ali. Quanto ao outro automóvel, o *BMW* preto, não tinha como saber o que era feito dele, porque a pequena garagem só para um automóvel, contígua à casa, estava fechada. Em todo o caso, interpretou a ausência do *Volvo* como uma indicação de que os proprietários da casa iriam passar o dia fora e não estariam presentes durante a mostra. Tanto melhor. Cassie preferia que não estivessem em casa. Não sabia bem como reagiria se a família lá estivesse enquanto ela a visitava.

Cassie permaneceu no *Boxster* até às duas, altura em que começou a ficar preocupada e a sua mente se precipitou a concluir que se teria enganado na hora ou, pior ainda, que a casa já fora vendida e a mostra cancelada. Abriu a secção de imobiliário sobre o lugar do passageiro e verificou uma vez mais o anúncio. Não se tinha equivocado. Atentou na tabuleta que dizia VENDE-SE, colocada no relvado da frente, e confrontou o nome da agência com o do anúncio. Coincidiam. Retirou o telemóvel da mochila e tentou telefonar para o escritório da agência,

mas não conseguiu efetuar a ligação. Isso não a surpreendeu. Estava em Laurel Canyon, e era uma quase impossibilidade obter um bom sinal de rede em qualquer um dos bairros nas encostas das colinas de Los Angeles.

Sem nada para fazer a não ser esperar e controlar os medos, pôs-se a estudar a casa situada atrás da tabuleta onde se lia VENDE-SE. De acordo com o anúncio, tratava-se de um bangaló estilo California Craftsman, construído em 1931. Ao contrário das casas mais recentes de ambos os lados, não só estava afastada da rua, encostando-se à colina que se erguia atrás, como também parecia possuir uma personalidade vincada. Era mais pequena do que a maior parte das casas vizinhas, tendo os arquitetos privilegiado claramente o relvado extenso e o espaço exterior da propriedade. As casas mais recentes do bairro tinham sido construídas a partir de projetos que ocupavam todo o lote, seguindo a filosofia de que o principal era o espaço interior.

O velho bangaló tinha um telhado cinzento, longo e inclinado, do qual assomavam duas trapeiras. Cassie presumiu que uma pertenceria ao quarto partilhado pelo casal e a outra ao da rapariga. Os revestimentos exteriores estavam pintados de um castanho-avermelhado. Um alpendre largo percorria toda a extensão da fachada e a porta de entrada era de estilo francês com um só vidro. A família tinha por hábito correr as persianas que tapavam o vidro da porta, mas hoje, tanto essas como as da janela panorâmica da frente, estavam subidas e Cassie conseguia ver o interior da sala de estar. Uma luz suspensa tinha sido deixada acesa.

O pátio da frente era, sem dúvida, a área de diversão. A relva estava sempre aparada e tratada com esmero. Ao longo do perímetro da esquerda, tinham sido instalados um baloiço de madeira e uma série de barras de ginástica. Cassie sabia que a rapariga que vivia ali preferia andar de baloiço com as costas voltadas para a casa e de frente para a rua. Pensara nisso muitas vezes, perguntando-se se haveria nesse hábito algo que pudesse ser interpretado como uma espécie de indício para traçar um perfil psicológico.

O baloiço vazio estava parado. Cassie avistou uma bola e um carinho de puxar vermelho na relva, imóveis, também à espera da atenção da rapariga. Ocorreu-lhe que a área de diversão poderia ser uma das razões pelas quais a família ia mudar-se. Apesar de em Los Angeles tudo ser relativo, Laurel Canyon era uma zona razoavelmente segura na cidade em crescimento descontrolado. Ainda assim, fosse

qual fosse o bairro, nenhuma família desejava que os filhos brincassem no pátio da frente tão perto da rua, o lugar onde poderia acontecer-lhes algum mal, onde o perigo poderia ir ao seu encontro.

No anúncio não havia qualquer menção a esse potencial problema do pátio. Cassie baixou os olhos e voltou a lê-lo.

FAÇA A SUA OFERTA!

Clássico California Craftsman de 1931

2 salas de estar e 2 salas de jantar espaçosas, vasto terreno arborizado

Altamente motivados e ansiosos!

Preço reduzido abaixo do valor de mercado!

Cassie reparara na tabuleta com a inscrição VENDE-SE numa das suas passagens rotineiras de automóvel por aquelas bandas, três semanas antes. Essa visão lançara a sua vida num turbilhão, que se manifestara em insónias e desconcentração no trabalho. Não tinha vendido um único automóvel nessas três semanas, a sua mais longa ausência de sempre do quadro de vendas.

Tanto quanto sabia, a mostra de hoje era a primeira, pelo que as palavras do anúncio se lhe afiguraram curiosas. Perguntou-se por que razão estariam os proprietários tão ansiosos por vender a casa, ao ponto de já terem reduzido o preço apenas três semanas após a sua colocação no mercado. Não parecia fazer sentido.

Três minutos após a hora marcada para o início da mostra, um veículo que Cassie não reconheceu, um sedã cor de vinho da *Volvo*, entrou no caminho de entrada e parou. Do seu interior saiu uma mulher loira e esguia de quarenta e poucos anos. Vestia de maneira informal, mas com elegância. Abriu a bagageira do automóvel e retirou uma tabuleta onde se lia MOSTRA HOJE, transportando-a até à beira do passeio. Cassie olhou para o espelho retrovisor e ajustou o cabelo, após o que levou a mão à nuca e, num gesto firme, puxou a peruca contra o couro cabeludo. Saiu do *Porsche* e aproximou-se da mulher enquanto esta colocava a tabuleta.

— Laura LeValley? — perguntou, lendo o nome no fundo da tabuleta que dizia VENDE-SE.

— A própria. Veio ver a casa?

— Sim, gostaria de a ver.

— Bom, deixe-me abri-la e depois seguimos. Tem ali um belo automóvel. Novinho em folha?

Apontou para a placa do concessionário em branco no suporte de matrícula frontal do *Porsche*. Cassie removera as matrículas na garagem de sua casa antes de seguir para a mostra. Trataria-se apenas de uma medida de precaução. Não tinha a certeza se os agentes imobiliários anotavam as matrículas como forma de localizar ou obter informações sobre potenciais compradores. Não queria ser investigada. Era por essa mesma razão que usava a peruca.

— Ah, sim — disse. — É novo para mim, mas já é usado. Tem um ano.

— Impecável.

Visto de fora, o *Boxster* parecia imaculado, mas na verdade era um automóvel recuperado pelo concessionário por falta de pagamento, com quase cinquenta mil quilómetros, um teto de abrir que deixava entrar água e um leitor de CD que costumava saltar ao mais pequeno solavanco. O patrão de Cassie, Ray Morales, emprestara-lho enquanto negociava com o proprietário, a quem tinha dado até ao final do mês para arranjar o dinheiro antes de voltar a colocar o automóvel à venda. Cassie achava que nunca veriam um único cêntimo desse sujeito. Era um caloteiro da pior espécie. Ela tinha dado uma vista de olhos à ficha. O sujeito efetuara os primeiros seis pagamentos, ultrapassando sempre os prazos estipulados, e não cumprira os seis seguintes. Ray cometera o erro de aceitar a promissória dele, mesmo depois de não ter obtido quaisquer garantias de outras empresas de empréstimos. Isso bastaria para o pôr de pé atrás, no entanto o tipo convencera Ray a aceitar a promissória e a entregar-lhe as chaves. O facto de ter sido enganado deixara Ray de tal modo abespinhado que se dirigira pessoalmente ao sítio onde o *Boxster* fora recuperado, à porta da casa do caloteiro na encosta da colina, sobranceira a Sunset Plaza.

A vendedora regressou ao automóvel pegou numa pasta, após o que conduziu Cassie pelo carreiro de pedra até ao alpendre.

— Os proprietários vão estar presentes? — perguntou Cassie.

— Não, é melhor não estar ninguém em casa. Assim, as pessoas podem ver e dizer o que quiserem sem que ninguém se sinta ofendido. As pessoas têm gostos diferentes, compreende? Uma vai achar que algo é deslumbrante, outra dirá que é horrível.

Cassie sorriu por cortesia. Alcançaram a porta principal e LeValley sacou da pasta um pequeno envelope branco, do qual tirou uma chave. Enquanto abria a porta, continuou a tagarelar.

— Está representada por um agente imobiliário?

— Não. De momento ainda estou na fase da procura, digamos assim.

— Bom, é útil saber o que está disponível no mercado. É proprietária, atualmente?

— Desculpe?

— Se tem alguma propriedade, se tem alguma coisa à venda.

— Ah. Não; estou numa casa arrendada. Ando à procura de uma casa para comprar. Uma pequena, como esta.

— Tem filhos?

— Sou só eu.

LeValley abriu a porta e gritou um «Está aí alguém?», apenas para se certificar de que não estava ninguém em casa. Como não obteve resposta, fez sinal a Cassie para que entrasse primeiro.

— Nesse caso, esta é capaz de ser a ideal para si. Tem apenas dois quartos, mas as outras divisões são espaçosas e muito arejadas. Eu acho-a simplesmente encantadora. Já vai poder verificar pelos seus próprios olhos.

Entraram na casa e LeValley pousou a pasta no chão. A seguir, estendeu a mão e voltou a apresentar-se.

— Karen Palty — mentiu Cassie enquanto dava um aperto de mão à agente imobiliária.

LeValley fez uma rápida descrição dos atributos e vantagens da casa. Retirou da pasta uma pilha de folhetos contendo informações sobre a casa e, enquanto falava, entregou um a Cassie. Aqui e ali, Cassie anuía com a cabeça, sem contudo prestar grande atenção ao que ela dizia. Estava ocupada a examinar com minúcia o recheio e outros pertences da família que vivia na casa. Lançou olhares demorados às fotografias penduradas nas paredes e dispostas sobre as mesas e os armários. LeValley disse-lhe para continuar a ver a casa enquanto ela organizava a folha de registo de presenças e os folhetos informativos sobre a mesa da sala de jantar.

A arrumação da casa era irrepreensível, e Cassie perguntou-se até que ponto isso se deveria ao facto de estar a ser mostrada a potenciais compradores. Seguiu por um pequeno corredor e depois subiu as escadas de acesso aos dois quartos e à casa de banho. Deu breves passos no interior do quarto principal e olhou em volta. O compartimento tinha uma grande janela saliente voltada para a íngreme encosta rochosa que se erguia nas traseiras da casa. LeValley gritou-lhe do piso térreo, como se soubesse exatamente para onde Cassie estava a olhar e o que estava a pensar.

— As torrentes de lama não são um problema. Essa encosta é de granito compacto. É provável que esteja aí há dez mil anos e, acredite no que lhe digo, não vai sair de onde está. Mas se estiver de facto interessada na propriedade, sugiro-lhe que mande fazer um levantamento geológico. Se a comprar, vai ajudá-la a dormir mais descansada.

— Boa ideia — gritou Cassie para o piso térreo.

Cassie vira o suficiente. Saiu da divisão e atravessou o corredor em direção ao quarto da criança. Também este compartimento estava muito bem arranjado, mas atravancado com coleções de animais de peluche, bonecas *Barbie* e outros brinquedos. A um canto, havia um cavalete de pintura onde estava pousado um desenho a lápis de um autocarro escolar com vários bonecos-palitos à janela. O autocarro parara junto a um edifício em cuja garagem estava estacionado um camião vermelho. Um quartel de bombeiros. A rapariga era uma artista com talento.

Cassie espreitou o corredor para se certificar de que LeValley não subira e depois acercou-se do cavalete. Folheou algumas das páginas que continham desenhos anteriores. Um deles representava uma casa com um vasto relvado verde na frente. Defronte da casa havia uma tabuleta onde se lia VENDE-SE e, ao lado da tabuleta, um boneco-palito retratando uma menina. Num balão que saía da boca da menina estava escrito *Buaaaá*. Cassie estudou o desenho durante muito tempo, antes de se afastar e relançar os olhos ao resto do quarto.

Na parede esquerda havia um cartaz emoldurado de um filme de animação intitulado *A Pequena Sereia*. Havia também uma série de letras de madeira grandes que formavam o nome JODIE SHAW, cada letra pintada com uma das cores do arco-íris. Cassie estava especada no meio do quarto e tentou, em silêncio, absorver todos os detalhes e registá-los na memória. Os seus olhos recaíram sobre uma fotografia numa pequena moldura, pousada na cómoda branca da rapariga. Exibia uma menina sorridente ao lado do Rato Mickey, no meio de uma multidão na Disneylândia.

— É o quarto da filha deles.

Cassie quase deu um salto ao escutar a voz atrás de si.

Voltou-se. Laura LeValley estava postada na soleira. Cassie não a tinha ouvido subir as escadas. Perguntou-se se a agente imobiliária teria suspeitado dela e subido intencionalmente em passo furtivo para a surpreender a roubar ou a fazer qualquer outra coisa.

— É uma miúda adorável — disse LeValley, não deixando transparecer qualquer sinal de desconfiança. — Conheci-a quando fizemos o contrato de mediação. Terá uns seis ou sete anos, creio.

— Cinco. Quase seis.

— Desculpe?

Cassie apressou-se a apontar para a fotografia sobre a cómoda.

— Presumo eu. Isto é, se aquela fotografia for recente.

Voltou-se e fez um gesto largo com a mão, abarcando todo o quarto.

— Também tenho uma sobrinha com cinco anos. Este podia ser o quarto dela.

Esperou, mas LeValley não fez mais nenhuma pergunta. Fora um deslize perigoso e Cassie sabia que tivera sorte em conseguir safar-se.

— Bom — disse LeValley —, gostaria que assinasse a folha de registo de presenças, para ficarmos com o seu nome e número de telefone. Há alguma pergunta que gostasse de ver respondida? Tenho aqui comigo uma folha de oferta, se porventura estiver preparada para avançar.

Sorriu quando disse a última frase. Cassie retribuiu-lhe o sorriso.

— Ainda não — replicou. — Mas a verdade é que a casa me agrada.

LeValley dirigiu-se uma vez mais para as escadas e começou a descê-las. Cassie encaminhou-se para a porta, seguindo-a. Quando pousou o pé no corredor, olhou para trás, para a coleção de animais de peluche pousados numa prateleira por cima da cama. A criança parecia ter uma especial predileção por cães de peluche. Depois, os seus olhos regressaram ao desenho no cavalete.

Em baixo, na sala de estar, LeValley estendeu-lhe uma prancheta com uma folha de registo de presenças presa na mola. Escreveu *Karen Palty*, o nome de uma velha amiga dos tempos em que era crupiê de *blackjack*, e depois inventou um número de telefone com um indicativo de Hollywood e um endereço em Nichols Canyon Road. Após ter devolvido a folha, LeValley leu o que Cassie escrevera.

— Sabe, Karen, se esta casa não for bem aquilo de que está à procura, há várias outras na ravina que teria todo o gosto em mostrar-lhe.

— Isso seria ótimo. Mas primeiro deixe-me pensar nesta.

— Oh, com certeza. Depois diga-me qualquer coisa. Aqui tem o meu cartão.

LeValley estendeu-lhe um cartão de visita. Através da janela panorâmica da sala de estar, Cassie reparou num automóvel a ser estacionado junto ao passeio, atrás do *Boxster*. Outro potencial comprador.

Decidiu que era altura de fazer perguntas enquanto ainda estava a sós com LeValley.

— O anúncio no jornal dizia que os Shaws estavam ansiosos por vender a casa. Posso perguntar-lhe porquê? Quer dizer, há algum problema com a casa?

A meio da pergunta, Cassie apercebeu-se de que utilizara o nome dos proprietários. A seguir lembrou-se das letras na parede do quarto da menina e percebeu que teria uma salvaguarda acaso LeValley se desse conta do deslize.

— Não, de todo. Não tem absolutamente nada a ver com a casa — disse LeValley. — O senhor Shaw foi transferido e estão ansiosos por fazerem a mudança e instalarem-se na nova casa. Se a venderem em breve, poderão mudar-se, e assim ele já não precisaria de andar para a frente e para trás tantas vezes. É uma viagem muito longa.

Cassie sentiu necessidade de se sentar, mas não se mexeu. Foi assaltada pela sensação de que um pavor terrível lhe engolia o coração. Tentou manter o equilíbrio apoiando a mão na pedra da lareira, mas sabia que não estava a ser capaz de esconder o impacto das palavras que acabara de escutar.

É uma viagem muito longa.

— Sente-se bem? — perguntou LeValley.

— Ótima. Estou ótima. Estive com gripe a semana passada e... sabe como é.

— Sei, sim. Também estive, há umas semanas. Foi horrível.

Cassie desviou o rosto e fingiu contemplar os tijolos da lareira.

— Vão mudar-se para muito longe? — perguntou da forma mais descontraída possível, considerando os medos que brotavam dentro de si.

Fechou os olhos e esperou, certa de que, por esta altura, LeValley já sabia que ela não estava ali por causa da casa.

— Paris. Ele trabalha para uma empresa de importação de vestuário e querem que ele vá trabalhar para lá durante uns tempos. Pensaram em manter a casa, talvez arrendando-a. Mas eu penso que, no fundo, eles sabem que o mais provável é não regressarem. Quer dizer, estamos a falar de Paris. Quem é que não quereria viver lá?

Cassie abriu os olhos e assentiu com a cabeça.

— Paris...

LeValley prosseguiu num tom quase conspirativo.

— É também por essa razão que eles estão abertos a qualquer tipo de oferta. A companhia do senhor Shaw irá compensá-lo, cobrindo

qualquer diferença em relação ao valor da avaliação. Qualquer diferença, mas dentro dos limites do razoável. Portanto, uma oferta rápida e baixa poderá muito bem decidir a venda. Eles pretendem ir para lá para poderem inscrever a miúda numa daquelas escolas de línguas este verão. Assim, ela pode começar a aprender a língua e sentir-se mais ou menos integrada quando as aulas começarem.

Cassie não estava a prestar atenção à conversa de vendedor. Fixava-se na escuridão da lareira. Ali tinham ardido mil fogueiras que haviam aquecido a casa. Porém, neste momento, os tijolos estavam negros e frios. E Cassie tinha a sensação de estar a olhar para o interior do próprio coração.

Nesse momento, percebeu que todas as coisas na sua vida estavam a mudar. Durante todo o tempo que lhe fora possível, vivera um dia de cada vez, tendo o cuidado de evitar um olhar de soslaio que fosse ao plano desesperado que pairava no horizonte como um sonho.

Mas agora sabia que era altura de partir para o horizonte.

Na segunda-feira a seguir à mostra da casa, Cassie chegou ao Hollywood Porsche às dez horas, como de costume, e passou o resto da manhã no pequeno gabinete ao lado da sala de exposição dos automóveis, a rever o registo de telefonemas, a analisar o inventário atualizado, a responder a perguntas colocadas na Internet e a fazer uma pesquisa para um cliente que procurava um *Speedster* de época. No entanto, os seus pensamentos mantinham-se sobretudo concentrados nas informações que obtivera durante a visita à casa em Laurel Canyon.

As segundas-feiras eram sempre os dias mais calmos na sala de exposição. Uma vez por outra, havia compradores e papelada acumulados durante o fim de semana, mas, por norma, eram muito poucos os novos potenciais compradores que apareciam. O concessionário estava situado em Sunset Boulevard, a meio quarteirão do Cinerama Dome, e por vezes, nesses dias, o movimento era de tal modo reduzido que Ray Morales não se importava que Cassie desse lá uma saltada para assistir a uma sessão da tarde, desde que mantivesse o *pager* ligado e regressasse de imediato ao posto de trabalho acaso as coisas comesçassem a ficar mais agitadas. Ray era de uma transigência constante com Cassie, a começar pelo facto de a ter contratado sem que ela tivesse qualquer experiência válida. Cassie sabia que os seus motivos não eram inteiramente altruístas. Estava ciente de que era apenas uma questão de tempo até ele lhe cobrar a retribuição. Surpreendia-a que ainda não o tivesse feito; já se tinham passado dez meses.

O Hollywood Porsche vendia automóveis novos e usados. Em virtude da sua condição de membro mais recente da equipa de vendedores, constituída por seis elementos, cumpria a Cassie fazer os turnos de segunda-feira e tratar de todos os assuntos relacionados com a Internet. Cassie não se importava de executar esta última tarefa,

porque tinha frequentado aulas de informática no Estabelecimento Prisional Feminino de High Desert e descobrira que gostava desse trabalho. Tinha chegado à conclusão de que preferia lidar com os clientes e vendedores de outros concessionários através da Internet do que pessoalmente.

A sua pesquisa de um *Speedster* com as características que o seu cliente procurava foi bem-sucedida. Descobriu um descapotável de 1958 em estado imaculado num *stand* em San Jose, e tratou de garantir que lhe enviassem fotografias e informações pormenorizadas no dia seguinte. A seguir enviou uma mensagem ao cliente, informando-o que poderia passar pelo concessionário na tarde do dia seguinte para ver as fotografias, ou, se preferisse, que lhas enviaria para o seu escritório logo que as recebesse.

O único teste de condução do dia ocorreu um pouco antes do almoço. O cliente era um dos chamados «tesudos de Hollywood» de Ray, nome inventado pelo próprio gerente de frota.

Ray lia religiosamente a *Hollywood Reporter* e a *Daily Variety* à procura de artigos sobre zé-ninguéns que se tivessem tornado pessoas importantes da noite para o dia. Na maior parte dos casos, eram escritores regatados da obscuridade e da miséria e tornados ricos, ou pelo menos famosos durante aquele dia, através de um contrato com um estúdio para a adaptação de um livro ou argumento. Assim que Ray escolhia um alvo, descobria o endereço do escritor através do Sindicato dos Escritores ou de um amigo que tinha na repartição do Registo Civil. Depois enviava-lhe uma garrafa de *Macallan Scotch*, por intermédio do Sunset Liquor Deli, acompanhada do seu cartão e de uma nota de felicitações. Em mais de metade dos casos, a estratégia resultava. O destinatário respondia com um telefonema a Ray e, a seguir, fazia uma visita à sala de exposição. Em Hollywood, ser proprietário de um *Porsche* era quase um rito de passagem, sobretudo para homens na casa dos vinte anos — que parecia ser a faixa etária de todos os argumentistas. Ray confiava esses clientes aos seus vendedores, dividindo a comissão de uma eventual venda, depois de subtraído o custo da garrafa de *whisky*.

O teste de condução que Cassie tinha à sua espera na segunda-feira era com um escritor que acabara de assinar um contrato de exclusividade com a Paramount, cujo valor se fixava nos sete algarismos. Ray, ciente de que Cassie não vendera um único automóvel em três semanas, incentivou-a a tentar fechar o negócio. O escritor chamava-se Joe

Michaels e estava interessado num *Carrera* cabriolé, um automóvel cujo preço ascenderia aproximadamente aos cem mil dólares, na versão com todos os extras. A comissão de Cassie serviria para cobrir o empréstimo durante um mês.

Com Joe no lugar do passageiro, Cassie seguiu por Nichols Canyon e subiu até Mulholland Drive, após o que virou o *Porsche* para leste na estrada serpeante. Fazia o percurso de rotina, pois era lá no alto, em Mulholland, que o automóvel e o poder e o sexo se misturavam na imaginação; que todos os clientes ficavam com uma noção plena do que ela estava a vender.

Como acontecia quase sempre, o trânsito era reduzido. Excetuando os ocasionais grupos de motociclistas montados nas suas máquinas potentes, a estrada era deles. Cassie exibiu todo o potencial do automóvel, fazendo reduções nas curvas para puxar ao máximo pelo veículo. De vez em quando, relanceava os olhos a Michaels, para verificar se no seu rosto já se desenhava aquela expressão que indicava que o negócio estava fechado.

— Está a trabalhar nalgum filme? — perguntou.

— Estou a reescrever o argumento de uma película sobre polícias.

Era bom sinal, o facto de ele chamar película ao filme. Sobretudo tratando-se de um filme sobre polícias. Aqueles que se levavam demasiado a sério — leia-se, aqueles que tinham dinheiro — chamavam-lhes películas.

— Quem é que entra?

— Ainda não fizeram a seleção dos atores. É por isso que estou a reescrevê-lo. Os diálogos são uma porcaria.

Para se preparar para o teste de condução, Cassie lera o artigo acerca do contrato de exclusividade na *Variety*. Dizia que Michaels era um recém-licenciado da Escola de Cinema da Universidade do Sul da Califórnia e fizera uma curta-metragem de quinze minutos que lhe valera um prémio qualquer patrocinado por um estúdio. Aparentava ter uns vinte e cinco anos, no máximo. Cassie perguntou-se em que é que ele se inspiraria para escrever os diálogos. Tinha ar de quem nunca conhecera sequer um polícia, e muito menos um criminoso. Provavelmente inspirar-se-ia na televisão ou noutros filmes, concluiu.

— Quer conduzir agora, John?

— Joe.

Mais um tiro na muche. Chamara-o pelo nome errado de propósito, apenas para ver se ele a corrigiria. O facto de o ter feito significava que

era sério e movido pelo ego, uma boa combinação quando se tratava de vender e comprar automóveis que eram sérios e movidos pelo ego.

— Joe, pois.

Estacionou o *Porsche* no miradouro sobranceiro ao Hollywood Bowl. Desligou o motor, puxou o travão de mão e saiu do automóvel. Não olhou para trás, para Michaels, enquanto caminhava para a borda e colocava um pé em cima da grade de proteção. Inclinou-se e apertou os atacadores da bota *Doc Marten* de cor preta, após o que olhou para baixo, para o recinto vazio. Vestia calças de ganga pretas justas e uma *T-shirt* branca sem mangas por baixo de uma camisa *Oxford* azul, desabotoada. Sabia que era atraente, e o seu radar disse-lhe que Michaels estava de olhos postos nela e não no automóvel. Passou os dedos pelo cabelo loiro, cortado curto pouco tempo antes para poder usar a peruca. Voltou-se de repente e apanhou-o a olhar para ela. Michaels apressou-se a desviar o olhar, fixando-o na paisagem da baixa da cidade, envolta num misto de fumo e nevoeiro rosa-pastel.

— Então, o que é que acha? — perguntou ela.

— Acho que gosto — disse Michaels. — Mas preciso de o conduzir para ter a certeza.

Ele sorriu. Ela sorriu. Estavam definitivamente em sintonia.

— Então vamos a isso — disse ela, tendo o cuidado de manter o duplo sentido.

Regressaram para o interior do *Porsche* e Cassie sentou-se no lugar do passageiro, um pouco de lado, de modo a ficar virada para Joe. Observou-o enquanto ele erguia a mão até à caixa da direção e procurava a ignição e as chaves.

— Do outro lado — disse ela.

Joe encontrou as chaves na ignição, no painel de instrumentos à esquerda do volante.

— É uma tradição da *Porsche* — explicou ela. — Desde os tempos em que faziam carros de corrida. Foi concebida assim para que o condutor pudesse ligar o automóvel com a mão esquerda ao mesmo tempo que segurava na alavanca das mudanças com a direita. É uma ignição de arranque rápido.

Michael anuiu com a cabeça. Cassie sabia que aquela historinha resultava sempre. Não sabia sequer se era verdadeira — ouvira-a de Ray —, mas contava-a sempre. Tinha a certeza de que, naquele momento, Michaels se imaginava a contá-la a uma queridinha qualquer à porta de um dos antros de engate em Sunset Strip.

Ligou o motor, fez marcha-atrás e depois voltou a entrar em Mulholland, puxando em demasia pelas rotações. No entanto, após engatar as mudanças algumas vezes, apercebeu-se das variações da caixa e começou a fazer as curvas com suavidade. Cassie viu-o conter um sorriso quando chegou a uma reta e o ponteiro do conta-quilómetros atingiu os cento e vinte quilómetros por hora em escassos segundos. No entanto, a expressão apoderou-se do seu rosto. Não foi capaz de a esconder. Cassie conhecia aquela expressão e sabia qual a sensação que a acompanhava. Nalgumas pessoas, surgia com a velocidade e o poder; noutras, de formas diversas. Pensou no tempo que tinha passado desde a última vez que sentira aquela espécie de incandescência percorrer-lhe o sangue.

Cassie espreitou para o interior do seu pequeno gabinete, para verificar se tinha alguma folha de registo de telefonemas cor-de-rosa. Não estava lá nenhuma. Avançou através da sala de exposição, deslizando o dedo ao longo do *aileron* cauda de baleia de um clássico, e passou em frente ao gabinete de contabilidade em direção ao escritório do gerente de frota. Ray Morales levantou os olhos da papelada que tinha à sua frente no momento em que ela entrou e pendurou no respetivo gancho do painel da frota as chaves do *Carrera* que usara no teste de condução. Cassie sabia que ele estava à espera que ela lhe contasse como tinha corrido. Afinal, investira mais de cem dólares em *whisky* escocês.

— Ele vai pensar no assunto durante uns dias — disse ela, sem olhar para Ray. — Na quarta-feira telefono-lhe.

Quando Cassie se voltava para sair, Ray largou a esferográfica e afastou a cadeira da secretária.

— Merda, Cassie, o que é que te deu? Aquele tipo era um tesudo. Como é que o deixaste escapar?

— Eu não disse que o tinha deixado escapar — replicou Cassie, com uma dose excessiva de protesto na voz. — Disse que ele ia pensar no assunto. Nem toda a gente compra logo a seguir ao primeiro teste de condução, Ray. Aquele automóvel custa cem mil.

— Estes tipos compram. Se for um *Porsche*, compram. Eles não pensam, compram. Porra, Cassie, ele estava preparado para o comprar. Deu para perceber isso quando falei com ele ao telefone. Sabes o que eu acho? Acho que andas a intimidar estes tipos. Tens de tratá-los como se fossem o próximo Cecil B. DeMille. Não os faças sentirem-se mal pelo que fazem ou pelo que querem.

Cassie colocou as mãos nas ancas, indignada.

— Ray, não sei de que é que estás a falar. Eu tento vender o automóvel, não tento dissuadi-los disso. Não os faço sentirem-se mal. Além disso, nenhum destes tipos faz sequer ideia de quem era o Cecil B. DeMille.

— Então o Spielberg, o Lucas, seja quem for. Pouco me importa. Isto requer arte, Cassie. É disso que estou a falar e tenho tentado ensinar-te. É subtileza, é sexo, é deixar o tipo com tesão. Quando começaste a trabalhar aqui, fazias isso. Vendias, o quê, cinco ou seis automóveis por mês? Agora não sei o que andas a fazer.

Cassie baixou os olhos na direção da secretária dele por instantes, antes de responder. Enfiou as mãos nos bolsos. Sabia que ele tinha razão.

— OK, Ray, tens razão. Vou esforçar-me mais. Acho que tenho andado um bocado desconcentrada, apenas isso.

— Porquê?

— Não sei ao certo.

— Precisas de um tempo? Talvez tirar uns dias?

— Não, estou bem. Mas amanhã vou chegar mais tarde ao trabalho. Tenho de ir a Van Nuys fazer a mijinha.

— Tudo bem. Não há problema. Como é que isso está a correr? Aquela senhora nunca mais telefonou nem apareceu por aqui.

— Vai indo. Provavelmente não vais voltar a ter notícias dela, a menos que eu faça merda.

— Ainda bem. Continua assim.

Havia algo no tom de voz dele que a deixou incomodada, no entanto afastou essa impressão do pensamento. Desviou o olhar dele e atentou na papelada disposta sobre a secretária. Reparou que havia um relatório de frota em cima de uma pilha de papéis, num dos lados do seu espaço de trabalho.

— Está para chegar um camião?

Ray seguiu o trajeto dos olhos dela até ao relatório e fez que sim com a cabeça.

— Na próxima terça-feira. Quatro *Boxsters* e três *Carreras*, dois deles cabriolés.

— Fixe. Já sabes as cores?

— Os *Carreras* são brancos. Os *Boxsters* vêm em cinza-ártico, branco, preto e também amarelo, acho.

Pegou no relatório e examinou-o.

— É isso mesmo, amarelo. Era bom que os contratos fossem firmados antes de chegarem. O Meehan já tem uma reserva para um dos cabriolés.

— Vou ver o que posso fazer.

Ray piscou-lhe o olho e sorriu.

— Linda menina.

Outra vez o mesmo tom de voz. E o piscar de olho. Começava a ficar com a impressão de que Ray se decidira por fim a cobrar a retribuição por toda a boa vontade demonstrada. Provavelmente estivera à espera que ela se visse numa situação de aperto, e portanto com menos margem para opinar. Sabia que ele agiria dentro em breve e que devia pensar numa maneira de lidar com isso. No entanto, a sua mente estava ocupada com demasiadas coisas mais importantes. Saiu do gabinete dele e regressou ao seu.